

**JORNADAS TÉCNICAS
A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
ALIADA À GESTÃO CINEGÉTICA**

**“CONSERVAÇÃO E GESTÃO CINEGÉTICA DO
CORÇO (*CAPREOLUS CAPREOLUS*): PERS-
PECTIVAS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS”**

LIVRO DE RESUMOS E RECOMENDAÇÕES

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO

Palombar
Nordeste

TIRAGEM

100 exemplares

COORDENAÇÃO

José Pereira
Miguel Nóvoa

FOTOS

Pedro Rego
Palombar

DESIGN

MAAN Design

IMPRESSÃO

Palombar

COLABORADORES

João Santos









ENQUADRAMENTO

A Palombar - Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural, no âmbito do Grupo Nordeste e do trabalho que está a desenvolver na região do Nordeste Transmontano, nomeadamente em acções de conservação da natureza aliadas à gestão cinegética, tem prevista a realização de várias Jornadas Técnicas onde se pretende abordar temas relacionados com a actividade cinegética, tendo como objectivo divulgar boas práticas nesta área, assim como a importância da conservação dos recursos naturais e, inerentemente, da conservação da natureza.

O Nordeste - Grupo para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável - é constituído por associações que têm vindo a desenvolver a sua acção em diferentes domínios no Nordeste Transmontano – a AEPGA, a APFNT e a Palombar -, e que pretendem cooperar no sentido de dar vida a um modelo de intervenção que, unindo a conservação da natureza à agricultura e à gestão florestal sustentável, envolva as comunidades locais, dinamizando o desenvolvimento integrado do espaço rural nos vales dos rios Sabor e Maçãs.

É objectivo da Palombar e do Grupo Nordeste promover o contacto entre a comunidade científica, os agentes do território, entidades públicas e/ou privadas, assim como com toda a comunidade local. As Jornadas Técnicas previstas no âmbito do programa “A Conservação da Natureza Aliada à Gestão Cinegética” têm como finalidade ajudar os agentes locais a resolver problemas actuais inerentes à conservação e gestão de algumas espécies cinegéticas (perdiz-vermelha, coelho-bravo, corço, entre outras), recorrendo a investigadores e profissionais das diferentes áreas de estudo. Os temas das Jornadas previstas para a 1ª edição, a realizar no primeiro semestre de 2017, são:

JORNADAS TÉCNICAS “A NOVA DOENÇA HEMORRÁGICA E OS SEUS EFEITOS NAS POPULAÇÕES NATURAIS DE COELHO-BRAVO (ORYCTOLAGUS CUNICULUS)”

JORNADAS TÉCNICAS “CONSERVAÇÃO E GESTÃO CINEGÉTICA DO CORÇO (CAPREOLUS CAPREOLUS): PERSPECTIVAS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS”



As Jornadas Técnicas têm a duração de um dia e durante o período da manhã, introduz-se um conjunto de palestras sobre a ecologia e biologia das espécies, as problemáticas associadas à sua conservação, assim como as boas práticas de gestão para fomentar a sua dispersão natural, proporcionando um momento de formação, aprendizagem e partilha. Durante a tarde propõe-se um momento mais prático com uma visita ao campo para debater questões práticas associadas aos temas abordados.

As Jornadas realizam-se em localidades da Rede Natura 2000, aproveitando estes momentos para divulgar e sensibilizar a população em geral para a importância destes Sítios.



PALOMBAR

ASSOCIAÇÃO PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DO PATRIMÓNIO RURAL

A Palombar – Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural é uma entidade sem fins lucrativos, criada em 2000, que tem como principais objectivos a conservação dos ecossistemas agrícolas, florestais e selvagens, assim como a preservação do património edificado e respectivas técnicas tradicionais de construção. Ainda que a sua área de intervenção seja cada vez mais alargada, tem vindo a actuar sobretudo em Trás-os-Montes.

Através de uma acção continuada em diversas frentes, a Palombar pretende sobretudo dinamizar territórios rurais, frequentemente em estado de abandono, privilegiando não só a intervenção imediata no terreno, mas também a transmissão do conhecimento que orientou a gestão sustentável da paisagem pelas populações durante séculos..

Contactos

Palombar — Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural

Antiga Escola Primária, 5230-232 UVA (Vimioso)

W: www.palombar.pt

E: palombar@palombar.pt | palombar@nordeste.eu

T: 964695511 | 926 862 770

www.facebook.com/palombar.associacao/



Nordeste

Grupo para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável

NORDESTE

GRUPO PARA A PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O grupo Nordeste é constituído pelas Associações AEPGA, a APFNT e Palombar cujas atividades abrangem diferentes domínios no Nordeste Transmontano. Estas Associações pretendem cooperar no sentido de dar vida a um modelo de intervenção que, unindo a conservação da natureza à agricultura e à exploração florestal sustentável, promovam o envolvimento das comunidades locais e dinamizem o desenvolvimento integrado do espaço rural nos vales dos rios Sabor e Maças.

Contactos

Grupo Nordeste — Grupo para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável

Antiga Escola Primária de Soutelo

5200-410 Soutelo (UFRS)

W: www.nordeste.eu

E: nordeste@nordeste.eu

T: +351 964 695 442

www.facebook.com/NordesteGrupo/

SOBRE OS ORADORES

Comunicação

Monitorização e gestão das populações de corço numa perspectiva multidisciplinar

Nome do orador

João Santos

Entidades que representa

1 — Unidade de Vida Selvagem, Departamento de Biologia & CESAM, Universidade de Aveiro, Portugal

2 — Sanidad y Biotecnología (SaBio), Instituto de Investigación en Recursos Cinegéticos (IREC, CSIC-UCLM-JCCM), Espanha

Resumo CV

É licenciado em Biologia e mestre em Ecologia, Biodiversidade e Gestão de Ecossistemas pela Universidade de Aveiro. Possui também o Doutoramento em Biologia, Especialização em Recursos Cinegéticos e Aquícolas, pela Universidade de Aveiro, em parceria com o Instituto de Investigación en Recursos Cinegéticos (Universidad de Castilla-La Mancha, Espanha). A sua formação e experiência estão relacionadas, sobretudo, com a monitorização e gestão de populações de fauna silvestre, em particular de ungulados. É autor e co-autor de várias publicações e comunicações (artigos científicos e de divulgação, capítulos de livros, trabalhos apresentados em congressos ou reuniões científicas, relatórios técnicos-científicos) sobre a ecologia, a monitorização e a gestão de populações de ungulados silvestres na Península Ibérica.

Comunicação

A importância do desenvolvimento de Planos Globais de Gestão de Caça

Nome do orador

Carlos Fonseca

Entidades que representa

1 — Unidade de Vida Selvagem, Departamento de Biologia & CESAM, Universidade de Aveiro, Portugal

Resumo CV

Professor Associado com Agregação do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, tem desenvolvido a sua investigação, nos últimos 20 anos, em gestão de espécies de caça maior em Portugal, tendo liderado vários projetos de referência nesta área. É o coordenador da Unidade de Vida Selvagem do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, que é um jovem e dinâmico grupo de investigação com dezenas de projetos em Portugal e noutros países, com destaque para o Brasil e Moçambique. Publicou mais de uma dezena de livros e mais de cem artigos em revistas do SCI sobre diversas temáticas relacionadas com a Conservação e Gestão de Vida Selvagem.

Comunicação

Gestão de prejuízos causados pelo Corço. A gestão cinegética e as populações locais

Nome do orador

Paulo Cortez

Entidades que representa

1 — Escola Superior Agrária — Instituto Politécnico de Bragança (ESA - IPB)

2 — Centro de Investigação de Montanha (CIMO)

Resumo CV

Licenciado em Engenharia Florestal pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Concluiu Mestrado em Gestão de Recursos Naturais, esp. Recursos Silvestres e o Doutoramento em Engenharia Florestal e Recursos Naturais pelo Instituto Superior de Agronomia (UTL). Anilhador de aves credenciado, tendo colaborado em diferentes Atlas de Aves de Portugal. Adquiriu experiência técnica e de consultoria em vários Projectos de Recuperação Ambiental e Paisagística, em Estudos de Impacto Ambiental e em Planos de Ordenamento de Território com os quais colaborou ou coordenou. Autor e co-autor de várias publicações e comunicações (artigos científicos e de divulgação, capítulos de livros, trabalhos apresentados em congressos ou reuniões científicas, relatórios técnicos-científicos) e é actualmente Coordenador do Departamento de Ambiente e Recursos Naturais da Escola Superior Agrária — Instituto Politécnico de Bragança (ESA-IPB) e membro do Centro de Investigação de Montanha (CIMO).

Comunicação

Consumo de carne de caça: Regras, riscos, responsabilidades e oportunidades

Nome do orador

Madalena Vieira Pinto

Entidades que representa

1 — Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

2 — WAVES — Portugal (Wild Animal Vigilance Euromediterranean Society)

Resumo CV

Licenciada em Medicina Veterinária pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) em 1993, concluiu, em Julho de 1999, o curso de Mestrado em Produção Animal na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e, em Julho de 2006, as provas de Doutoramento. Desde 1998 é docente na área Inspeção Sanitária e Segurança Alimentar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, colaborando como docente destas áreas temáticas em diversos mestrados. Colabora com outras instituições em áreas relativas à inspeção de caça e zoonoses. É responsável Científica pelo Curso de Formação Certificado “Exame Inicial de Caça Abatida em Zonas de Caça”. Desenvolve a sua actividade de investigação, sobretudo em suínos e caça, nos domínios da Inspeção Sanitária, Zoonoses e Segurança Alimentar. Neste âmbito, tem publicado diversos artigos internacionais e nacionais em revistas, livros, participa em diversas reuniões científicas como oradora, é membro de projectos europeus, e orienta diversas teses de mestrado e doutoramento. Presentemente, ocupa o cargo de presidente da WAVES – Portugal (Wild Animal Vigilance Euromediterranean Society) e Presidente da WAVES Internacional. É responsável por diversos protocolos que têm como objectivo a colaboração em trabalhos de promoção, desenvolvimento e formação no domínio da higiene e segurança alimentar.

Mesa Redonda

Pensar o futuro: Estratégias para a gestão sustentável do corço e do seu ecossistema

Nome do orador

Armando Loureiro

Entidades que representa

1 — Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, IP (ICNF) — Departamento de Conservação da Natureza e das Florestas do Norte (DCNFN)

Resumo CV

Licenciado em Biologia (especialização em Ecologia e Recursos Zoológicos) na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Ingressou nos quadros superiores da Administração Pública em janeiro de 1994, na Autoridade Nacional de Conservação da Natureza (SNPRCN, ICN, ICNB), tendo integrado as equipas da Reserva Natural da Serra da Malcata, Parque Nacional da Peneda Gerês e Direção de Serviços de Conservação da Natureza e Departamento de Gestão de Áreas Classificadas do Norte, como técnico superior. Assumi e exerceu cargos dirigentes enquanto Diretor Adjunto do Departamento de Gestão de Áreas Classificadas do Norte e Chefe de Divisão de Planeamento e Avaliação de Projectos do Departamento de Conservação da Natureza e Florestas do Norte do ICNF. Foi representante de Portugal como perito em Biodiversidade e Alterações Climáticas e Florestas, no âmbito da Convenção da Diversidade Biológica (CBD) e da União Europeia.

No âmbito das funções exercidas destacam-se as atividades desenvolvidas nos domínios da conservação da natureza e biodiversidade, do ordenamento do território, da avaliação ambiental, do ordenamento e gestão de caça. Foi orientador técnico e científico de projectos de académicos e científicos e da investigação científica como autor e editor de publicações científicas na área da Biodiversidade, criação e coordenação do Banco de Tecidos de Vertebrados Selvagens do PNPG/ICNF e como consultor em projectos internacionais de detecção remota e monitorização de espécies e habitats.

Actualmente é o director do Departamento de Conservação da Natureza e das Florestas do Norte.

SOBRE O CORÇO (CAPREOLUS CAPREOLUS)

O corço (*Capreolus capreolus*) é um mamífero ungulado, artiodáctilo, ruminante da família dos cérvidos. Caracteriza-se, como o resto da família taxonómica, por pisar sobre os dedos centrais de cada extremidade protegidos por cascos e pela presença, nos machos, de umas pequenas has-tes que mudam ou renovam anualmente.

Na Península Ibérica o corço passou por várias etapas de ocupação, desde uma presença marginal em muitas zonas até ao recente crescimento quase explosivo. Ao contrário do que acontece no resto da Europa, em Portugal, a expansão desta espécie é bastante limitada devido sobretudo à incorrecta gestão das suas populações e à fragmentação dos habitats. Existem dois grandes núcleos de distribuição geográfica nacional do corço, localizados a norte e a sul do rio Douro. As populações naturais desta espécie estão confinadas ao norte deste rio, mais concretamente nas Serras da Peneda-Gerês, Amarela, da Cabreira, do Marão, do Alvão, de Montesinho, da Coroa e da Nogueira. Estas populações são

provenientes de outras do noroeste de Espanha que, por processos naturais de dispersão, colonizaram o norte de Portugal. Por outro lado, as populações de corço a sul do rio Douro, resultam de processos de reintrodução, iniciados há cerca de 15 anos, com objectivos conservacionistas e/ou cinegéticos. Contudo, nos últimos anos, o abandono generalizado das terras aráveis, o êxodo das populações rurais para as grandes cidades litorais e o conseqüente abandono de algumas actividades tradicionais, como a agricultura, têm contribuído para uma melhoria gradual das condições necessárias à rápida fixação e expansão das populações desta espécie, nomeadamente em algumas zonas de montanha com baixa perturbação e elevada percentagem de coberto florestal.

Ecologia

Distribuição: Europeia: ocupa a região Paleártica do continente Euroasiático, com exceção das ilhas do Mediterrâneo e Irlanda.

Habitat: Está presente em quase todos os habitats naturais europeus, incluindo bosques de folhosas, coníferas, florestas mediterrâneas e campos agrícolas.

Guilde Trófica: Herbívoro ruminante

Estatuto de Proteção: Não preocupante

Ameaças: Caça excessiva (a exploração cinegética desta espécie deve ser sustentada e baseada em Planos Globais de Gestão com uma base científica), furtivismos, atropelamentos

Doenças e Parasitas: febre catarral ou língua azul, Babesia, doença de Lyme, etc

Predadores: Lobo-ibérico, raposas (predação das crias), cães assilvestrados.

Descrição Geral

Longevidade: Média 8-9 anos, sendo superior nas fêmeas

Armação: Presente apenas nos machos

Tipo de armação: Hastes

O corço europeu, o menor dos cervídeos europeus, possui um aspecto gracioso e esbelto. Os seus membros posteriores são mais alargados e elevados que os anteriores, sendo especialmente adaptados ao salto. Da sua morfologia, destaca-se a extremidade negra do focinho, com os lábios e queixo brancos, grandes orelhas e um escudo anal branco que contorna uma cauda curta e rudimentar. O dimorfismo sexual é pouco acentuado e as principais características distintivas são a presença de hastes no macho, durante a maior parte do ano e a forma do escudo anal que, nos machos, se parece a um rim e, nas fêmeas, a um coração invertido. As crias apresentam uma pelagem diferente da dos adultos, com pêlos mais escuros e com manchas brancas, o que lhes confere um grande mimetismo. As manchas desaparecem no Outono. O corço é um animal crepuscular, sendo mais facilmente avistado durante as primeiras horas do dia e ao anoitecer.

Alimentação

O corço é considerado um herbívoro generalista, sendo capaz de se alimentar de uma grande variedade de plantas. Contudo, recorre a estratégias de alimentação muito selectivas que lhe permite manter os seus elevados requisitos energéticos e o elevado investimento parental (o corço é um dos poucos cervídeos com mais de uma cria por parto). Fazem parte da sua dieta folhas e rebentos de espécies arbustivas e arbóreas, bagas e outros frutos de plantas lenhosas, herbáceas, flores e, menos comumente, fungos. O tipo de alimentação do corço varia não só com o tipo de habitats mas principalmente com as estações do ano. Durante o Inverno, a disponibilidade de alimento diminui e a sua dieta torna-se menos variada, o que promove o consumo de matéria vegetal mais concentrada como sementes e frutos.

Reprodução

Desde o início da Primavera (Março/Abril) até ao fim da época reprodutiva, denota-se nos machos uma forte atitude territorial, em que o seu território é marcado e patrulhado. É no final do Verão, entre Julho e Agosto, que esta espécie inicia o ritual de acasalamento. As fêmeas apresentam uma particularidade fascinante e única entre os cervídeos europeus, a diapausa embrionária ou gestação suspensa. Através deste comportamento, o embrião fica “adormecido” durante cerca de 5 meses, até Janeiro, iniciando-se só nesta altura o “verdadeiro” desenvolvimento embrionário, que se prolongará por mais 4 meses. Desta forma, a gravidez dura 10 meses, contrariamente aos cerca de 7 meses que se verificam nos restantes cervídeos, e as crias nascem no final de Maio, início de Junho. Esta estratégia tem a vantagem de fazer coincidir os nascimentos no início do Verão, quando a disponibilidade de alimento é máxima. As fêmeas parem entre uma a três crias.

Comportamento Social

Tradicionalmente, o corço foi descrito como uma espécie de pequeno-médio porte, própria de zonas de bosque, de comportamento solitário e que vive em pequenos grupos familiares, muito selectivos na sua alimentação. Isto terá levado ao desenvolvimento da territorialidade nos machos e um elevado grau de estabilidade espacial. O comportamento social do corço passa por diferentes períodos ao longo do ano e varia também com a idade e sexo. As populações de corço estão estruturadas em redor da unidade familiar: a corça, as suas crias e, ocasionalmente, um macho. As fêmeas adultas apresentam grande fidelidade à sua área vital e vão permanecer por vários anos nessa mesma área. As fêmeas jovens dispersam ou formam o seu território a partir do primeiro ano de vida, sobrepondo-o ao da sua mãe. Enquanto que as áreas vitais de várias fêmeas se podem sobrepor, os machos obtêm um território através de confrontos bem sucedidos com outros machos possuidores de territórios. Os machos são extremamente territoriais, marcando e defendendo um território que varia entre 10 e 50ha. Com o final do Inverno e o início da Primavera os machos começam a definir o seu território, roçando a suas hastes em árvores e arbustos e emitindo vocalizações.

A época de reprodução tem lugar nos meses quentes de Verão, normalmente entre meados de Julho e meados de Agosto, apesar de haver relatos de cópulas até ao final de Agosto.

Medidas de Conservação

A caça representa uma importante actividade humana, com consequências directas no curso evolutivo das espécies cinegéticas, e não pode por isso ser menosprezada. Contudo, desde que devidamente regrada e enquadrada em Planos Globais de Gestão com uma base científica, poderá contribuir para a gestão sustentada das populações de corço.

MONITORIZAÇÃO E GESTÃO DAS POPULAÇÕES DE CORÇO NUMA PERSPECTIVA MULTIDISCIPLINAR

por João P.V. Santos — joaovalente@ua.pt

Unidade de Vida Selvagem, Departamento de Biologia & CESAM, Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, 3810-193 Aveiro, Portugal

Sanidad y Biotecnología (SaBio), Instituto de Investigación en Recursos Cinegéticos (IREC, CSIC-UCLM-JCCM), Ronda de Toledo s/n, 13005 Ciudad Real, Espanha

Ao longo das últimas quatro décadas, as populações de corço (*Capreolus capreolus*) têm vindo a aumentar em número de indivíduos e a expandir-se territorialmente em Portugal. Este fenómeno resultou, em parte, de um conjunto de transformações sócio-económicas que conduziram a elevados índices de êxodo rural, sobretudo nas regiões do interior do país, e ao conseqüente abandono de algumas actividades humanas tradicionais, tais como, por exemplo, a agricultura. Este abandono favoreceu, em muitos casos, a renaturalização de vários habitats, contribuindo, assim, para uma melhoria das condições necessárias para a que a espécie voltasse a colonizar e a proliferar em territórios que outrora havia ocupado. Para além disto, outros factores tais como o declínio das populações de grandes predadores, uma maior regulamentação ao nível da caça e a realização de reintroduções da espécie com objectivos conservacionistas e cinegéticos (sobretudo no centro e no sul do país, respectivamente), contribuíram igualmente para o aumento das populações de corço no território nacional.

Apesar deste cenário e do elevado valor do corço nos contextos ecológico, conservacionista e sócio-económico, ainda existe uma grande lacuna acerca do verdadeiro estado e evolução das suas populações dentro daquela que é, actualmente, a área de distribuição conhecida da espécie no nosso país.

A monitorização das populações de fauna silvestre, neste caso, em particular, das populações de corço, é fundamental para conhecer a sua verdadeira situação populacional e para delinear estratégias de gestão e/ou conservação da espécie, bem como dos seus habitats e ecossistemas. Idealmente, essa monitorização deverá ser o mais multidisciplinar possível, devendo contemplar: (1) o conhecimento da distribuição, da abundância e da estrutura das populações; (2) o acompanhamento de indicadores da condição física dos animais (ou seja, condição corporal e estado sanitário); (3) a avaliação das características do habitat e da sua capacidade de carga; e (4) a compreensão das relações da espécie com o seu ambiente/ecossistema. Para além destes aspectos, é essencial que a monitorização seja contínua ao longo do tempo, de modo a perceber a dinâmica e as tendências populacionais e, ainda, para que se possa avaliar a eficácia das acções que vão sendo implementadas.

Vários métodos têm sido desenvolvidos e validados cientificamente para monitorizar as populações de ungulados silvestres, permitindo aceder a informação valiosa sobre a sua abundância e condição física. A investigação na área dos ungulados silvestres deu um importante salto qualitativo em Portugal, sobretudo na última década, e diversos estudos têm sido desenvolvidos de norte a sul do país, alguns deles de carácter transfron-

teiriço, no sentido de integrar os conhecimentos adquiridos sobre a biologia, ecologia e dinâmica populacional das espécies com aspectos relacionados com a sua gestão. Muitos desses trabalhos de investigação incluem uma componente de monitorização muito importante e, por este motivo, constituem uma ferramenta de grande utilidade para ajudar na gestão das populações de ungulados em diversas áreas do nosso país.

Durante a apresentação, pretende-se dar a conhecer alguns dos métodos mais usados na monitorização das populações de ungulados silvestres, sendo dada especial ênfase ao corço. Pretende-se também apresentar alguns resultados obtidos no âmbito dos trabalhos de investigação mencionados anteriormente, bem como ilustrar a sua aplicação ao nível da gestão das populações silvestres.

A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DE PLANOS GLOBAIS DE GESTÃO DE CAÇA

por Carlos Fonseca

cfonseca@ua.pt

Unidade de Vida Selvagem, Departamento de Biologia & CESAM, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

A caça é uma atividade de grande importância socioeconómica com um reconhecido impacto nos recursos naturais. Afirma-se como um fator de desenvolvimento das regiões rurais, em especial do interior do território nacional, continuamente assolado pelo êxodo rural e consequente abandono das práticas agrícolas tradicionais. A sustentabilidade da caça depende da correta gestão das populações de espécies silvestres de interesse cinegético, assim como dos habitats que ocupam. A manutenção da dinâmica natural e estabilidade populacional de uma espécie é uma condição essencial à sua persistência e fomento. Para tal, é necessário um conhecimento integrado de uma série de parâmetros populacionais (e.g. densidade populacional, taxa de recrutamento, rácio sexual, entre outros), dos requisitos ecológicos da (s) espécie (s) e da dinâmica espaço-temporal das populações e da paisagem.

Através de ações de monitorização de populações silvestres é possível garantir a sustentabilidade de atividade cinegética através da exploração racional dos recursos naturais e assegurar a sua compatibilidade com a componente ecológica e conservacionista. Por outro lado, é fundamental ter em consideração a biologia e a ecologia das espécies de caça maior e o tipo de ordenamento cinegético vigente na atualidade, aspectos que tornam imperativa uma abordagem baseada na implementação de Planos Globais de Gestão (PGG). Os PGG

de caça contemplam um conjunto de procedimentos necessários à gestão integrada e sustentável da caça maior em Portugal, definindo um conjunto de regras de ordenamento e exploração de áreas geográficas de interesse cinegético em consonância com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). A elaboração de um PPG consiste num conjunto de etapas sequenciais, nomeadamente: i) seleção da população/espécie cinegética, ii) delimitação da unidade de gestão (contemplando, preferencialmente, a área de distribuição regional da espécie de interesse), iii) monitorização dos parâmetros populacionais, iv) estimativa da capacidade de carga dos habitats, v) avaliação e ordenamento das condicionantes (e.g. disponibilidade alimentar, prejuízos, atividades diversas, entre outras), vi) implementação do plano de exploração cinegética e vii) ajuste anual do plano de exploração.

GESTÃO DE PREJUÍZOS CAUSADOS PELO CORÇO: A GESTÃO CINEGÉTICA E AS POPULAÇÕES LOCAIS

por Paulo Cortez

mmvpinto@utad.pt

Centro de Investigação de Montanha (CI MO), Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Bragança 5300-253 Bragança

A pressão dos cervídeos sobre as plantas, incluindo o consumo de culturas agrícolas e danos nas florestas, tem aumentado um pouco por toda a Europa, devido ao aumento populacional deste tipo de animais. Além do consumo propriamente dito, os machos manifestam um comportamento que consiste em esfregar as hastes em pequenas árvores e alguns arbustos para arrancar o veludo que cobre as hastes, preparando-se para o período de cio em que têm de enfrentar outros machos. Este procedimento repete-se mais tarde, com o intuito de marcar um território, aliando as marcações visuais a marcas odoríferas e provocando frequentemente a morte das árvores, com prejuízos que podem ser importantes para os proprietários. A compreensão dos fatores que afetam a seleção das árvores a marcar pode ajudar a mitigar os efeitos negativos deste comportamento em plantações florestais. Procurámos analisar as características das árvores marcadas ao longo de transectos definidos em plantações de pinheiro-bravo (*Pinus pinaster* (Aiton)), pseudotsuga (*Pseudotsuga menziesii* (Mirbel) Franco), bétula (*Betula alba* L.) e carvalho-alvarinho (*Quercus robur* L.). Os transectos foram percorridos por cinco períodos de amostragem, incluindo o período de cio. As marcações de corço apareceram mais frequentemente associadas a pequenas clareiras no interior da floresta, tendo sido escolhidas árvores menores do que a média disponível. Árvores envolvidas por arbustos revelaram menor interesse

pelo corço para marcação. Medidas como o controlo do número de animais, proteção das árvores ou disponibilização de mais árvores para marcar devem ser tidos em conta. Outras medidas compensatórias devem ser consideradas caso a caso.

CONSUMO DE CARNE DE CAÇA — REGRAS, RISCOS, RESPONSABILIDADES E OPORTUNIDADES

por Madalena Vieira-Pinto

mmvpinto@utad.pt

Dept. Ciências Veterinárias. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

O consumo de carne de caça maior em Portugal pode estar associada a diversos cenários, os quais podem incluir o auto-consumo e a colocação no mercado. Enquanto para o primeiro caso não existe legislação que regule essa atividade, ou seja, o caçador é o único responsável pelo que come e dá a comer ao seu agregado familiar (definição de auto-consumo), já no segundo caso, para que tal comercialização aconteça, é necessário cumprir as regras descritas na legislação em vigor. Em ambos os casos é essencial que o consumo de caça seja seguro e, nesta matéria, consideramos que a intervenção consciente de um caçador conhecedor e atento aos riscos inerentes a esta atividade, reveste-se de capital importância.

De facto, são vários os estudos que demonstram a existência de diversas doenças nas espécies de caça maior em Portugal (Tuberculose, Brucelose, Equinococose/Hidatidose, Hepatite E, Doença de Aujeszky, Oestrose, Toxoplasmose, entre outras). A presença destas ou de outras doenças nas populações cinegéticas pode constituir um problema para a preservação da quantidade e da qualidade dos efetivos cinegéticos, comprometendo economicamente o setor, cuja gravidade dependerá das características da doença e da suscetibilidade dos animais. Estas doenças poderão ainda afetar outras espécies de animais selvagens, domésticos de produção (bovinos, suínos...) ou de companhia (cão), bem como o Homem. Associada a esta pro-

blemática existem também algumas particularidades no circuito de produção e obtenção de carne de caça que podem precipitar situações de risco para a saúde pública caso os animais estejam afetados com uma doença transmissível ao Homem. Assim, torna-se fundamental que os intervenientes diretos na atividade cinegética (caçadores, gestores de caça, entre outros) sejam detentores de conhecimento sobre sanidade cinegética e dos seus efeitos nas populações (mortalidade, morbidade e efeitos sub-letais) contribuindo ativamente na implementação de medidas de gestão (controlo e prevenção) efetivas e atempadas, essenciais para a rentabilidade da sua exploração e para a qualidade e segurança dos produtos derivados (como é o caso da carne), assim como para a proteção de outras espécies animais (selvagens ou domésticas) e do próprio Homem.

Neste âmbito, sublinhamos o descrito no Regulamento (CE) N.º 853/2004 sobre esta matéria, no qual se encontra definido a **FORMAÇÃO DOS CAÇADORES EM SANIDADE E HIGIENE**, referindo que “As pessoas que caçam animais selvagens com vista à sua colocação no mercado para consumo humano devem dispor de conhecimentos suficientes sobre as patologias da carne de caça selvagem e sobre a produção e o tratamento da caça selvagem e da carne de caça selvagem depois da caçada para poderem realizar um exame inicial dos animais no local”.

Desde 2008 que a UTAD é detentora de cursos de exame inicial de caça homologados pela Autoridade Competente (Direção Geral de Alimentação e Veterinária e Alimentação – DGAV) pois acredita que a realização de forma consciente e rigorosa do exame inicial por uma pessoa devidamente formada assim como a adoção das regras de higiene necessárias (higiene das operações, utensílios, equipamentos) para evitar a contaminação, poderá contribuir positivamente para a segurança sanitária da carne de caça. Adicionalmente, a contribuição para a eliminação adequada das peças de caça e respetivas vísceras com alterações em muito pode favorecer a mitigação de alguns problemas sanitários.

Ao longo da apresentação serão expostos alguns aspetos relevantes para o caçador referente ao consumo de carne de caça, enquadrando de uma forma pró-ativa as regras, os riscos, as responsabilidades e as oportunidades inerentes a este tema.

GESTÃO E CONSERVAÇÃO DO CORÇO E DO SEU HABITAT

AVALIAÇÃO DAS POPULAÇÕES DE CORÇO:

Detecção de rastros no campo

— **Marcações no tronco das árvores e arbustos**, normalmente com menos de 5 cm de diâmetro, a uma altura que oscila entre os 20 cm e 1 m.

— **Pegadas**: visíveis em solos brandos, ou quando estão cobertos por poeiras mais finas ou neve. Diferenciam-se de outros ungulados pelo formato da ponta mais oval e agudo e de tamanho médio de 45 mm de comprimento e 25 mm de largura.

— **Camas dos corços**, lugares de descanso onde podem ruminar tranqüilamente, e são facilmente reconhecíveis no solo como uma área de forma oval de cerca de 50 cm de comprimento, limpa de folhagem e onde se podem observar também pelos e pegadas dos cascos.

— **Excrementos** que se podem identificar facilmente pela sua cor negro brilhante, textura muito fina, forma regular cilíndrica com extremidades arredondadas e com tamanho médio de 100 mm de comprimento e 6 mm de diâmetro.

Observação directa

A observação directa de corços é relativamente difícil devido à baixa densidade, ao seu comportamento esquivo e solitário, ao seu tamanho pequeno e à sua preferência de habitat.

Durante o período territorial, e particularmente durante o período de cio, as vocalizações emitidas pelos machos denunciam a sua presença.

Censos e Monitorização

Métodos indirectos

Os métodos indirectos de contagem de excrementos apresentam várias modalidades e a sua aplicação é particularmente vantajosa em ambientes florestais e/ou quando as espécies alvo de estudo são de difícil observação. Outra vantagem deste tipo de métodos deve-se ao facto de requerer poucos recursos humanos e materiais para a sua realização.

Transectos de contagem de indícios

A base deste método baseia-se na permissão de que a abundância de rastros que os animais deixam no campo é proporcional ao tamanho da população que os produz, ou seja, mais indícios, maior densidade populacional.

Os excrementos são um dos indícios mais evidentes e que nos revelam a presença de corço numa determinada zona. No entanto assumindo que o grau de defecação das espécies é relativamente constante num determinado habitat e na mesma época do ano, se o habitat onde se vai fazer o censo não é homogéneo é esperável que a presença de indícios varie entre habitats, e deve-se planificar uma amostragem estratificada de parcelas em diferentes tipos de habitats, e em diferentes épocas do ano.

Uma das limitações do censo indirecto por contagem de indícios é que não proporciona informação sobre o sexo e a idade dos indivíduos que produ-

zem os excrementos. Para colmatar essa lacuna, devem-se compilar todos os dados possíveis de observações directas para conhecer a estrutura da população.

Métodos directos

Os censos por observação directa podem ser realizados a pé ou de carro, ao largo de itinerários predefinidos. Há que ter em atenção as limitações deste método em terrenos de baixa visibilidade, em populações de baixa densidade, e com espécies difíceis de detetar. Para o censo de corço este método não é o mais aconselhado, já que, normalmente, em território nacional e nos locais de presença da espécie se reúnem todas essas limitações. Transectos lineares de observação directa

Este método consiste basicamente na contagem directa de exemplares ao longo de transectos lineares, predefinidos mediante uma amostragem estratificada em função da superfície a censar e dos diferentes tipos de habitat. O percurso (com uma distância conhecida) realiza-se em veículo, a uma velocidade constante que não supere os 20 km/h. Também é possível realizar os percursos a pé, mas no caso do corço e em populações de baixa densidade não é recomendável, pela dificuldade intrínseca de detecção dos exemplares.

O momento de realização do censo deve planificar-se em função do ciclo biológico da espécie a censar, e das condições de detectabilidade dos

exemplares nos transectos. No caso do corço, o amanhecer e o entardecer são os momentos ideais para detetá-los, e no verão, durante a época de cio, quando se demonstram menos esquivos.

Transectos lineares de observação directa

Este método consiste basicamente na contagem directa de exemplares ao longo de transectos lineares, predefinidos mediante uma amostragem estratificada em função da superfície a censar e dos diferentes tipos de habitat. O percurso (com uma distância conhecida) realiza-se em veículo, a uma velocidade constante que não supere os 20 km/h. Também é possível realizar os percursos a pé, mas no caso do corço e em populações de baixa densidade não é recomendável, pela dificuldade intrínseca de detecção dos exemplares.

O momento de realização do censo deve planificar-se em função do ciclo biológico da espécie a censar, e das condições de detectabilidade dos exemplares nos transectos. No caso do corço, o amanhecer e o entardecer são os momentos ideais para detetá-los, e no verão, durante a época de cio, quando se demonstram menos esquivos.

Acções para a melhoria de habitat

Melhorias de cobertura

- Criação de mosaicos - reflorestações com espécies autóctones e podas seletivas

O corço é uma espécie de ambientes florestais e que gosta de biótopos variados, onde exista uma boa cobertura (arbórea e sub-arbustiva), que forneça refúgio e abrigo, mas misturado com áreas abertas com pastagens naturais ou cultivos. Portanto, em áreas muito abertas deve-se reflorestar com espécies arbóreas e arbustivas autóctones, a fim de criar pequenos bosques em áreas abertas (ilhas de vegetação). É muito importante a regeneração do habitat com espécies de *Quercus* que fornecem abrigo e alimento.

Por outro lado, em florestas muito cerradas, será aconselhável abrir pequenas clareiras de cerca de 1/2 ha que podem ajudar a criar pastagens ou pequenos cultivos.

Melhorias Hidráulicas

- Limpeza e manutenção de fontes naturais e criação de bebedouros artificiais

É muito importante manter as fontes naturais limpas e os ribeiros naturalizados. É conveniente que as fontes, uma vez limpas e realizada a adequação do seu interior, fiquem cobertas com uma malha e protegida com alguns ramos e vegetação, e a partir daí canalizar a água a um bebedouro disponível para a fauna. Desta forma, evita-se a acumulação de um excesso de sujidade e previne-se a queda de corços jovens, evitando assim que morram animais afogados. As fontes naturais podem ser revestidas no interior com pedra, mas sem argamassa e sem cimento. Nos casos em que as fontes estiverem muito tapadas e abafadas com vegetação deve-se fazer uma limpeza da vegetação ao

redor e até mesmo um pequeno caminho para facilitar o acesso à água.

Os bebedouros podem ser de boia, a receber a água canalizada das fontes naturais. Estes bebedouros de boia são fáceis de manusear e de mudar pelo que são uma boa escolha.

Na ausência de fontes naturais ou em casos que a água disponível nessas fontes seja limitada, poderá usar-se depósitos para a água, camuflados com vegetação diversa, e ligados a um ou vários bebedouros.

A revitalização de poços de água também é fundamental. A recolha de água destes poços pode ser feita do Bebedouro Solar, que funciona com uma bateria que é carregada através de um painel fotovoltaico, essa bateria fornece energia à bomba e ao microcontrolador que está ligado a dois sensores de nível para saber o nível da água no poço e o nível da água do bebedouro. Este tipo de bebedouros, além de aumentarem a disponibilidade de água para a fauna de forma sustentável, garante que o bebedouro se mantém abastecido de água fresca. Uma das grandes vantagens é permitir revitalizar poços e/ou pontos de água que muitas vezes se encontram em estado de abandono e em locais que comprometem a segurança de animais e pessoas (ver figuras 1 e 2).



Figura 1 e 2: Corço acabado de beber água num bebedouro solar, que puxa água de um poço (esquerda). Os poços são fechados por motivos de segurança (baixo).



Melhorias Alimentares

- Desmatamentos e abertura de clareiras em pequenas parcelas

O objetivo das medidas de manejo que se descrevem a seguir é favorecer e potenciar as zonas de alimentação para o corço.

Recomenda-se o corte moto-manual de pequenas áreas, que se misturem com zonas abertas e zonas cobertas. Também os caminhos e corta-fogos podem ser bons locais para estabelecer áreas desmatadas.

A primeira regra para a obtenção de zonas desmatadas direcionadas para o corço é favorecer a insolação, deste modo aumenta-se as áreas de alimentação. Ao mesmo tempo deve-se alargar e desmatar ligeiramente o bosque mais próximo para favorecer a penetração dos animais e da luz. Para abrir no monte clareiras, recomenda-se a desmatagem de pequenas superfícies (0,25 ha a 1 ha, com um máximo de perímetro para aumentar a área de ecótono) dispersas por todo o monte. Com duas ou três clareiras (com as características indicadas) dispersas numa área de 100 ha de monte seria suficiente para garantir a presença destas zonas de alimentação para o corço. A manutenção das clareiras implementadas pode ser feita de 3 em 3 anos.

Em áreas mais ou menos planas é aconselhável implementar as clareiras de forma mais ou menos arredondada ou elíptica, deixando a regeneração natural, arbustos e árvores jovens, muitos dos quais servem de refúgio para o corço (silvas, madressilvas, oliveira silvestre, pilriteiros, salgueiros, amieiros, etc.). Estas árvores e arbustos podem ser podados para favorecer o seu crescimento, o que permite romper o descoberto da clareira, pro-

porcionando uma maior proteção para os animais. Os carvalhais e matos em geral devem-se triturar até ao solo para que não fiquem pequenos troncos que podem danificar os cascos dos animais. Evitar a destruição de árvores e arbustos de fruto silvestre, que proporcionam alimento para os animais. Em locais mais declivosos podem fazer-se clareiras de forma mais ou menos retangular, adaptados de forma sinuosa a seguir as curvas de nível.

• Pastagens e sementeiras

As parcelas selecionadas devem ser protegidas de outros herbívoros, particularmente os domésticos. A seleção de locais de sementeira deve responder a uma análise prévia do meio. Devem ser implementadas nas zonas que reúnam as melhores condições edafológicas, orográficas e de vegetação para um bom desenvolvimento da sementeira.

O número de parcelas a semear pode ser variável em função das necessidades alimentícias na área, mas deve-se fazer sementeiras de tamanho relativamente pequeno (aproximadamente 0,5 ha e com máximo de perímetro) que é sempre melhor que uma única sementeira de tamanho grande.

Nos locais mais propícios, recomenda-se a implementação de pastagens permanentes ou biodiversas, utilizando uma mistura de sementes apropriada ao clima mediterrânico, com leguminosas e gramíneas.

Em áreas mais agrícolas, recomenda-se o uso de uma mistura de cereal e leguminosas, tais como centeio, em solos pobres, aveia, trigo, lentilha ou a sua variedade tradicional “garroba”, luzerna, etc.

A época para realizar a sementeira será no Outono, preferivelmente em Outubro, uma vez que tenham caído as primeiras chuvas e o solo tenha alcançado uma temperatura adequada.

Em condições de escassez de alimento ou seca severa, pode-se recorrer a comedouros artificiais. Os corços comem bem ração composta de granulado para cabras, feno, luzerna e favas partidas. Recomenda-se disponibilizar pedras de sal, já que o sódio é um requisito para todos os herbívoros.



Figura 3: Sementeira de trigo e lentilha “garroba” na localidade de Talhinhos para fomento de corço e outras espécies presa. Notar áreas de ecótono e dimensão e desenho da parcela.

A PALOMBAR TEM EXPERIÊNCIA NA MONITORIZAÇÃO E CENSO DE CORÇO ASSIM COMO NA GESTÃO DE HABITAT PARA FOMENTO DE CORÇO.

NÃO HESITE EM CONTACTAR-NOS PARA ESCLARECER QUALQUER DÚVIDA!



Figura 4: Desmatamento e abertura de clareira para criação de mosaico e promover regeneração natural de leguminosas e gramíneas para aumentar disponibilidade alimentar para corço e outras espécies presa. Notar áreas de ecótono, dimensão e forma da parcela e as ilhas de vegetação no meio para refúgio.



Figura 5: Abertura e limpeza de nascente de água natural, para aumentar a disponibilidade hídrica para a fauna selvagem. Notar limpeza de alguma vegetação à volta para permitir alguma visibilidade aos animais que aí bebem.



A primeira medida que se deve ter em atenção com qualquer população de corço é a de respeitar os exemplares e o meio em que se encontram (pois na maioria dos casos a presença e evolução da população produz-se sem grandes esforços de gestão nem de ninguém) e que o aproveitamento cinegético seja responsável.

Evidentemente, qualquer iniciativa que contribua para melhorar as condições do meio é bem-vinda, mas sejamos cautelosos com as fórmulas revolucionárias que geralmente surgem de despachos, e que na maior parte dos casos se distanciam da realidade do terreno e do campo, e tratam de que os corços se adaptem às necessidades, usos e costumes dos humanos mas que evidentemente não ajudam em nada os animais.

Bibliografia

Cabral, M.J. (coord.); J. Almeida, P.R. Almeida, T. Delliger, N. Ferrand de Almeida, M.E. Oliveira, J.M. Palmeirim, A.I. Queirós, L. Rogado, M. Santos-Reis (eds.) (2005). Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa. 659p.

Naturdata. (13 de Março de 2017). *Capreolus capreolus* - Ecologia, Taxonomia, Morfologia, Distribuição. Obtido de NaturData: <http://naturdata.com/Capreolus-capreolus-6572.htm>

RFEC, G. C. (2009). Gestión de poblaciones y aprovechamiento cinegético. Em L. Álvarez, J. Martínez, J. Cordero, & A. Chaín, O Corzo - aspectos biológicos e aproveitamento cinexético. Observatorio Galego de Caza; Federación Galega de Caza.

San José, C. (2007). Evaluación, gestión y conservación del corzo en bosques mediterráneos con bajas densidad de población: El caso de Andalucía. Em C. d. Ambiente, Manual de conservación e gestión del corzo Andaluz.

Torres, R.T e Fonseca, C. (2009). O corço (*Capreolus capreolus*). Obtido de Santo Huberto - Portal do Caçador: http://www.santohuberto.com/sh_conteudo.asp?id=1422

Organização



Nordeste
Grupo para a Promoção
do Desenvolvimento
Sustentável



Parcerias



universidade de aveiro
departamento de biologia



Apoios



